

Uma Concepção de Bioética na Perspectiva Evolucionista

Alfredo Pereira Júnior¹

Resumo

James Mark Baldwin talvez tenha sido o primeiro pensador a defender explicitamente um papel da consciência no processo evolutivo darwiniano. Ao optar por uma ação que produza uma reação prazerosa, ao invés de uma ação que produza uma reação dolorosa (e deste modo contribuindo para gerar um novo hábito que venha a influenciar os padrões de reprodução de uma população), todo ser consciente estaria participando na definição dos rumos do processo evolutivo. Essa proposta teria uma consequência importante para a Bioética, no sentido de uma Ética da Vida: ao realizar suas opções conscientes, todo sistema vivo influencia os rumos do processo evolutivo. Entretanto, uma consciência bioética pressupõe mais que escolhas hedônicas; é preciso que hábitos assim formados embasem ações intencionais voltadas a metas admiráveis, ensejando uma coerência do Eu no tempo, o que Aristóteles entendia como sendo a virtude da magnanimidade.

Palavras Chave: Bioética, Consciência, Evolução, Hedonismo, Magnanimidade

A Proposta de Baldwin

Como a atividade consciente influenciaria o processo evolutivo? Segundo Baldwin (1896), “the main function of consciousness is to enable...to learn things which natural heredity fails to transmit...The principle of Habit must be recognized in some general way which will allow the organism to do new things without utterly undoing what it has already acquired” (Baldwin, 1896, p. 302). Entretanto, tais inovações não poderiam ocorrer ao acaso; Baldwin se perguntava: “

stimulations of the environment can produce new adaptive movements...from *movement variations*... How do these movement variations come to be produced *when and where they are needed*?...How does the organism *keep those movements going* which are thus selected, and *suppress* those which are not selected ? (BALDWIN, 1896, p. 303).

As experiências conscientes, marcadas pelo prazer e pela dor, induzem um processo auto-organizativo do sistema vivo, pelo qual novos hábitos são formados no plano ontogenético, podendo vir a influenciar a dinâmica filogenética:

¹ Departamento de Educação - Instituto de Biociências - UNESP/Botucatu - E-mail: apj@ibb.unesp.br

The function of pleasure and pain is just to keep some actions or movements going and to suppress others...Actions which secure pleasurable conditions to the organism are determined by the pleasure to be repeated, and so to secure the continuance of the pleasurable conditions; and actions which get the organism into pain are by the very fact of pain suppressed...(The living system) distinguishes in its very form and amount between stimulations which are vitally good and those which are vitally bad...The term 'circular' is used to emphasize the way such a reaction tends to keep itself going, over and over, by reproducing the conditions of its own stimulation (BALDWIN, 1896, p. 303-4).

Recusando a interpretação Neo-Lamarckista da transmissão filogenética dos hábitos ontogenéticos, Baldwin entende que a herança destes traços se daria por meio social (“herança social”, cf. BALDWIN, 1896, p. 305), idéia que veio a constituir o (atualmente chamado) “Efeito Baldwiniano” (vide, por exemplo, DEACON, 1996).

Monismo de Triplo Aspecto

Já em Baldwin encontramos questionamentos a respeito da relação entre os processos biológicos e os processos mentais conscientes. Ele entendia que

the brain is not a brain when consciousness is not there; it could not produce voluntary movement, simply because, as a matter of fact, it does not. So consciousness does not, on the other hand, produce movement without a brain. The whole difficulty seems to lie, I think, in an illegitimate use of the word 'causation'...such a conception as physical causation cannot be applied beyond the sphere of things in which it has become the explaining principle, i.e., in the objective, external world of things (BALDWIN, 1895, p. 306).

Uma abordagem contemporânea desta problemática é o *Monismo de Triplo Aspecto* (MTA; Pereira Jr, 2013), que utilizo como referencial teórico para discutir a formação de hábitos constitutivos do “Eu” subjetivo e, a partir deste processo, a formação da consciência bioética.

Para o MTA (Fig. 1), assim como foi entendido por Baldwin, as relações causais se estabelecem apenas no plano físico-químico-biológico, sendo que nos demais planos encontramos outros tipos de relações (a saber, *relações informacionais* entre estados de sistemas, no plano mental não-consciente, e *relações lógicas* entre conteúdos conscientes, no plano mental consciente). Os três aspectos evoluem conjuntamente no tempo, constituindo sistemas unitários. Neste sentido, não se aplica aqui o conceito de *paralelismo psicofísico*, discutido brevemente por Baldwin no artigo citado, uma vez que há vínculos entre os três aspectos. Segundo o MTA, estes vínculos são de natureza sentimental. Por um lado, os estados mentais conscientes sinalizam para o corpo, induzindo estados emocionais (p. ex., rir, chorar), o que corresponde aos processos intitulados *psicossomáticos*; por outro lado, há processos *somatopsíquicos*, em que os estados corporais sinalizam para o cérebro/mente, induzindo estados conscientes, como a sensações de prazer e dor citadas por Baldwin.

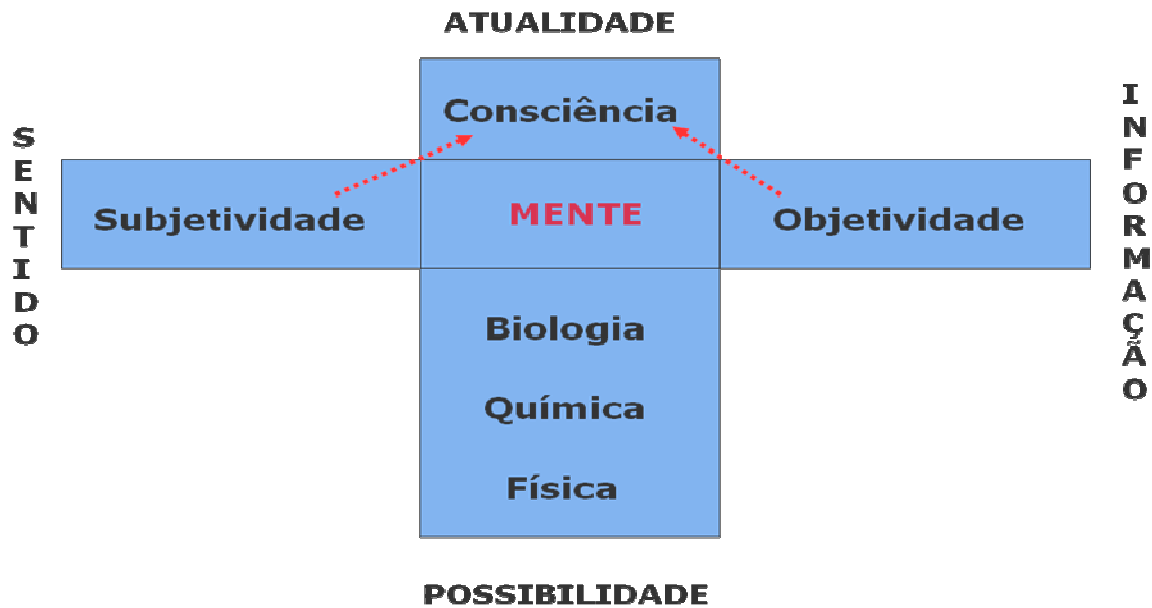


Figura 1 – Monismo de Triplo Aspecto: Esta teoria filosófica propõe que a realidade é constituída por três aspectos irreduzíveis e inter-relacionados: o aspecto físico-químico-biológico, o aspecto mental não consciente (cindido em dois pólos, o subjetivo e o objetivo) e o aspecto mental consciente (resultante da conjunção dos dois pólos). Tal realidade é constituída por um processo temporal no qual as possibilidades naturais se atualizam progressivamente, inicialmente pelo aspecto físico, em seguida pelo aspecto mental e então, onde e quando as condições necessárias se apresentam, no aspecto mental consciente.

Formação de Hábitos Sentimentais

A consciência tem uma estrutura dual, ou seja, um pólo subjetivo e um pólo objetivo, como proposto originalmente por Husserl (1913). Devido à propriedade mental intitulada *intencionalidade da consciência*, o pólo subjetivo (o Eu consciente) sempre tematiza um conteúdo objetivo (um episódio, composto por padrões informacionais processados no cérebro), nunca a si mesmo.

Em acréscimo ao modelo de estrutura da consciência husserliano, proponho uma ação mental reversa, a saber, que a experiência de um determinado conteúdo objetivado afetaria o Eu consciente, gerando um *sentimento* (Fig. 2). Um sentimento, neste sentido, seria um estado do pólo subjetivo (Eu consciente) resultante da experiência de um determinado conteúdo objetivo.

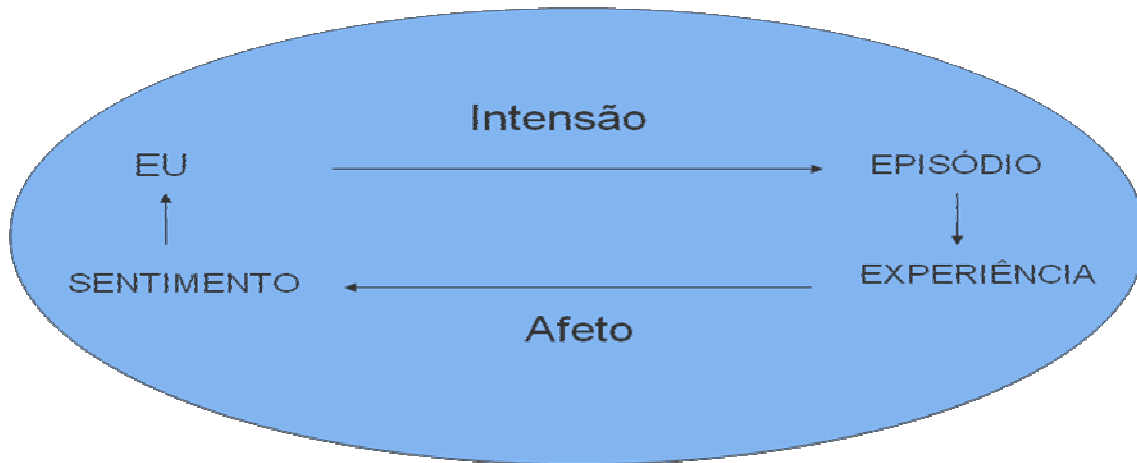


Figura 2: Formação de Hábitos Sentimentais. O Eu consciente intencionalmente tematiza um determinado conteúdo objetivo, que é recortado no espaço e no tempo como sendo um episódio integrado. Sua interação com tal episódio produz uma experiência consciente, um processo dinâmico que concomitantemente afeta o Eu, despertando os *sentimentos*.

Formação da Consciência Ética

Os hábitos sentimentais constituídos na história de vida de uma pessoa vêm a compor sua identidade, a qual constitui o referencial em relação a qual suas atitudes éticas são estabelecidas.

Considera-se aqui que uma atitude ou ação meramente reativa, reprodutora de hábitos disseminados em uma determinada cultura, constitua um *comportamento moral*. Uma *consciência ética* pressupõe mais que a moralidade, pois incorpora a possibilidade de se agir contrariamente aos hábitos disseminados em uma sociedade; ou seja, no caso do comportamento moral o “dever ser” (meta da ação) se reduz ao “ser” (estados de coisas dado em determinado contexto sócio-histórico), enquanto no caso de uma ação conduzida pela consciência ética haveria uma tensão entre o “ser” e o “dever ser”, que podem não coincidir, fazendo com que o agente ético enfrente dificuldades e obstáculos para atingir uma meta que reflita ou simbolize sua identidade pessoal.

O processo de formação da consciência ética é ilustrado no diagrama da Fig. 3. Este pressupõe uma *intencionalidade*, distinta da intencionalidade anteriormente mencionada, pois enquanto a intencionalidade constitui uma operação mental de se *tematizar* (linguagem fenomenológica) ou *enfocar a atenção* (linguagem da neurociência cognitiva) em um determinado conteúdo mental, a intencionalidade consiste em uma *disposição de direcionar a ação* para uma determinada meta que é posta intencionalmente. Tal meta não se encontra realizada no estado de coisas atual do agente, mas é concebida como um estado que deveria ser realizado, de acordo com o referencial construído na história de vida deste sujeito.

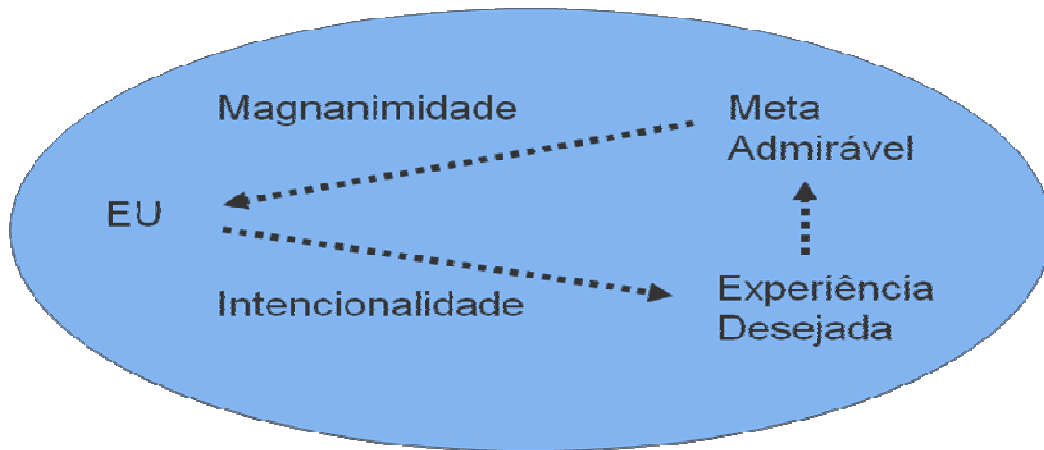


Figura 3: Formação da Consciência Ética: O Eu consciente projeta no tempo uma experiência objeto de seu desejo, a qual implica uma meta admirável (esteticamente bela, conforme o referencial do sujeito) a ser alcançada. A concepção desta meta, e a ação em conformidade com ela, propiciam uma condição subjetiva vivenciada como *autenticidade, sabedoria e/ou plenitude de sentido*. Tomado por esta condição, o agente ético pode enfrentar desafios, superar dificuldades e enfrentar obstáculos que se interponham entre seu estado atual e o estado de coisas desejado.

Comentários Finais

Ao longo de sua história de vida, um sistema consciente auto-organizado constitui hábitos hedônicos. Os hábitos interiorizados no Eu guiam sua conduta intencional, em busca de experiências desejadas. A projeção de metas admiráveis enseja uma *consciência bioética*, em que o agente transcende o hedonismo imediato, enfrentando condições adversas para atingir suas metas. Deste modo, a consciência bioética resultaria de processos filo/ontogenéticos, e participaria da determinação dos rumos do processo evolutivo.

Referências:

BALDWIN, J.M. (1896) Consciousness and Evolution. **Psychological Review** 3(3), 300-309.

DEACON, T.W. (1997) **The Symbolic Species: The Co-Evolution of Language and the Brain**. New York: W.W. Norton and Co.

HUSSERL E. (1913). **Ideas**: general introduction to pure phenomenology. F. Dordrecht: Kluwer Academic, reeditado em 1983.

PEREIRA Jr, A. (2013) Triple-Aspect Monism: A Framework for the Science of Consciousness. In: PEREIRA JÚNIOR, A.; LEHMANN D. (Eds.) *The Unity of Mind, Brain and World: Current Perspectives on a Science of Consciousness*. Cambridge/ UK: Cambridge University Press

A CONCEPT OF BIOETHICS IN THE EVOLUTIONARY PERSPECTIVE

Abstract

James Mark Baldwin possibly was the first thinker to explicitly defend a role for consciousness in the Darwinian evolutionary process. When choosing actions with a pleasurable outcome, instead of actions with a painful result - and then contributing for the generation of habits that influence the frequency of distribution of genes in a population - every living being participates in the directioning of the evolutionary process. This proposal has an important consequence for Bioethics, as long as this discipline can be viewed in the broad sense of an "Ethics of Life". When making his/her conscious decisions, every living being, itself a result of the evolutionary process, influences the process. However, this looping is not sufficient to define a bioethical consciousness. Such a modality of consciousness requires more than hedonic choices; it requires intentional actions directed towards admirable goals, tracing a continuity and coherence of the conscious subject in time, which would correspond to what Aristotle called "the virtue of Magnanimity".

Key-Words: Bioethics, Consciousness, Evolution, Hedonism, Magnanimity

Agradecimentos: FAPESP, pelo suporte a esta pesquisa, e Dr. Enídio Ilário, por sugestões que enriqueceram este trabalho.